

Janeiro/ junho - Ano IV, nº 1, 2008. ISSN 1980- 4490

Formação do mercado informal em Kinshasa (Republica Democrática do Congo)

TEXTO ESCRITO POR MUKENGE SHAY*

RESUMO

Trata-se de um ensaio sobre os dois circuitos da economia urbana (especificamente o mercado informal) em Kinshasa, capital da República Democrática do Congo. Este ensaio está baseado em dados e experiências da realidade desta cidade, onde buscou-se iluminar, com nova luz, um importante aspecto dos países do Terceiro Mundo: a construção social do trabalho. O estudo dos dois circuitos da economia urbana, proposto por Milton Santos (1979), valoriza os fenômenos da pobreza e do mercado informal como expressões simultâneas da dominação e da luta pela sobrevivência. O trabalho apresenta uma interpretação inovadora e polêmica das causas do predomínio do mercado informal na economia da cidade.

A colonização e as ditaduras são as causas do predomínio da pobreza e do mercado informal em Kinshasa, incorporando grande parte da população, situação essa, agravada pelas características atuais do cenário mundial. A seguir, associa-se o conceito de circuito inferior à dinâmica do mercado informal em Kinshasa. Como as atividades deste circuito interessam principalmente aos pobres na afirmação de Milton Santos, a pobreza e o mercado informal surgem, simultaneamente, como causa e efeito inegáveis.

Palavras-chave: Mercado informal; pobreza; impacto da globalização, Kinshasa e República Democrática do Congo.

* Administrador; Professor da Faculdade WSS e MSF e Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional IPPUR/UFRJ

Résumé

Ce travail traite de deux circuits de l'économie urbaine à Kinshasa (spécialement le marché informel), la capitale de la République Démocratique du Congo. Il est basé sur des données et l'expérience de la réalité de cette ville. Ce travail a l'objectif de donner une nouvelle lumière à un aspect important de la construction sociale du travail des pays du Tiers-Monde. L'étude de deux circuits de l'économie urbaine proposée par Milton Santos (1979), valorise les phénomènes de la pauvreté et de l'économie informelle comme étant des expressions simultanées de la domination et de la lutte pour la survie. Le travail présente une interprétation innovatrice et polémique sur les causes de la pauvreté et de la prédominance du marché informel dans cette ville. .

La colonisation et les diverses crises politiques sont à la base de la prédominance de la pauvreté et du marché informel à Kinshasa, regroupant en son sein une bonne partie de la population, une situation rendue plus grave par les caractéristiques actuelles du scénario mondial. Comme les activités de ce circuit sont pratiquées, principalement par les pauvres, selon Milton Santos (1979), c'est pour cela que la pauvreté et l'économie informelle apparaissent simultanément comme cause et effet incontestables.

Mots-clé : Marché informel ; pauvreté ; impact de la mondialisation, Kinshasa et République Démocratique du Congo.

Situação geográfica e econômica de Kinshasa

A cidade de Kinshasa é a capital da República Democrática do Congo e foi fundada em 1881 pelo explorador Henry Stanley com o nome de Leopoldville, tornou-se capital da então colônia belga em 1926, passando a chamar-se Kinshasa em 1966. É uma das maiores do continente em termos demográficos. Situa-se nas margens do rio Congo

e forma, juntamente com a vizinha cidade de Brazzaville do outro Congo (República Popular do Congo), uma aglomeração urbana com cerca de 8,9 milhões de habitantes.

Em 1960, a cidade de Kinshasa tinha uma população de mais de 400.000 habitantes, o que fez dela, desde esta época, a maior aglomeração urbana da África central. As estimativas, do Censo Administrativo de 2005 indicam, aproximadamente, 7.500.000 habitantes. A cidade concentra todos os problemas dos grandes centros urbanos do Terceiro Mundo. De fato, enfrenta problemas sociais e econômicos, como fome, doenças, desemprego, subemprego, pobreza, exclusão social, violência, desnutrição, miséria... Tais são os desafios da maior parte da população desta cidade.

Com as guerras que devastam o Nordeste do país (1997-2008), a insegurança instalou-se nas áreas rurais. Em consequência os produtores rurais abandonam suas terras e se concentram nas cidades, à espera do fim dos conflitos. De qualquer forma, mesmo quando terminam os conflitos, o desenraizamento já é total e a adaptação à miséria da cidade constitui-se numa outra forma de vida. A capital converteu-se, por estes processos, num aglomerado de grandes núcleos de população, sem nenhum serviço público e com dificuldades de abastecimento.

A realização deste trabalho dependeu do acesso à bibliografia especializada, de entrevistas com atores e das informações estatísticas, que contribuíram de forma decisiva, para a análise do mercado informal na cidade de Kinshasa. Apesar de todas as limitações que enfrentamos na realização deste trabalho, acreditamos ter reunido, dentro das nossas possibilidades, informações úteis à compreensão da realidade socioeconômica vivida pela maior parte dos habitantes desta cidade.

Trata-se de um ensaio sobre os circuitos produtivos abordando especificamente o mercado informal na cidade de Kinshasa baseado em dados e experiências da realidade da cidade. Buscamos iluminar, com nova luz um importante aspecto dos países do Terceiro Mundo - a construção social do trabalho que, muitas vezes, permanece soterrado sob estereótipos e preconceitos. Ao contrário dos muitos ensaios socioeconômicos já realizados sobre esta cidade, em que o uso de conceitos advindos do Ocidente impede a apreensão do singular, o estudo dos dois circuitos da economia urbana, proposto por Milton Santos (1979)¹, valoriza os fenômenos da pobreza e do mercado informal como expressões simultâneas da dominação e da luta pela sobrevivência. Este trabalho é, assim, um estudo exaustivo do mercado informal ou circuito inferior em Kinshasa - denominado, nos países ocidentais, de mercado negro, oculto, marginal, sombrio. As informações mais relevantes a que tivemos acesso foram fornecidas por organismos internacionais, como PNUD, UNESCO...

A realidade de Kinshasa oferece-se como um real e extraordinário exemplo da problemática tratada por Milton Santos, no livro "O espaço dividido": os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos':

"Um dos dois circuitos é o resultado direto da modernização tecnológica. Consiste nas atividades criadas em função do progresso tecnológico e das pessoas que dele se beneficiam. O outro é igualmente um resultado da mesma modernização; mas, um resultado indireto. Corresponde aos indivíduos que só se beneficiam parcialmente ou não das atividades expressivas da modernização. Sem dúvida, é necessário distinguir os países de velha civilização urbana daqueles que só

¹ SANTOS, Milton: O espaço dividido, os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos, pp. 29, Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

conheceram esse fenômeno recentemente (...). Nos primeiros, o fenômeno da modernização tecnológica cria estruturas novas que se impõem às estruturas preexistentes (...). Nos outros, a modernização tecnológica cria, de um só golpe, as duas formas integradas de organização econômica urbana".².(pág.29)

Sem sombra de dúvida, as áreas centrais das grandes cidades não são apropriadas exclusivamente pelos mais ricos. Constituem uma espécie de território de todos, onde os pobres também encontram alguns meios, ainda que precários, de sobrevivência. Os traços socioeconômicos que caracterizam a experiência da pobreza vivida no circuito inferior da economia urbana incluem: a luta constante pela sobrevivência, subemprego, salários medíocres, trabalho infantil, escassez crônica de liquidez, falta de fontes legais de financiamento, ausência de reservas alimentares, compras freqüentes em pequenas quantidades de produtos, serviços de crédito espontâneos e informais organizados por vizinhos e familiares e uso de objetos e moveis de segunda mão. Algumas destas práticas decorrem da própria cultura e outras resultam do agravamento da crise social.

² Idem

Imagem 1. Mercado Central de Kinshasa



Produtos típicos do circuito inferior(Fonte: www.Congovision.Com, acessado em 20.08.2006).

Kinshasa, como as outras cidades do Congo, condensa e concentra pobreza e miséria. A situação de carência afeta uma grande parte dos seus habitantes. Entretanto, nem tudo é pobreza na cidade de Kinshasa. É uma cidade que apresenta duas faces, radicalmente opostas. Esta dupla face resulta do colonialismo, uma realidade que implica a existência de colonizadores e colonizados. Atualmente, a estrutura urbana é mais complexa. Assim, em cada uma destas duas cidades, existem gradações construídas pelas comunas. Ainda assim, a existência de comunas residenciais da elite local na cidade dos colonizados ou de seções mais pobres na cidade dominante não impede que permaneça operante a oposição entre a cidade do dominador e a do dominado.

A República Democrática do Congo conta com mais de 400 tribos, quase todas representadas em Kinshasa, o que confirma o caráter

cosmopolita desta cidade. Durante o trabalho de campo, dialogamos com pessoas de diferentes camadas sociais. Entre estas pessoas, encontram os professores Malikwisha Meni, Mbaya Mudimba, Opanga Ekenga, além de 688 operadores do mercado informal. As entrevistas basearam-se nas seguintes perguntas: o que pensa sobre o funcionamento do mercado informal; quais são as suas causas; quando foi iniciada a atividade; razão de sua manutenção; soluções mais viáveis para as dificuldades; em que as atividades beneficiam a sociedade; importância do mercado informal para a economia nacional. Muitos consideravam que a economia informal resulta da própria realidade dos países africanos, tendo crescido com a atual crise.

Alguns depoentes, mais informados, situaram o crescimento da economia informal no início da crise socioeconômica das décadas de 1970-1980, atribuíram este crescimento ao governo Mobutu e à chamada Zairianização (confisco de empresas estrangeiras pelo governo zairense), que significou a saída em massa de empresários e comerciantes estrangeiros do território congolês em 1974. Esta política causou a falência de numerosas empresas repassadas às mãos de dirigentes políticos e seus familiares.

Com os resultados alcançados no trabalho de campo e o apoio da bibliografia e entrevistas a que tivemos acesso, constatamos que:

As origens de setor informal na República Democrática do Congo datam da colonização. A Bélgica introduziu uma organização dicotômica no sistema econômico e social congolês, criando dois mundos dentro da mesma realidade: um mundo restrito composto dos assalariados trabalhando para empresas submetidas à racionalidade capitalista, e, um outro mundo, formado por agentes econômicos trabalhando por conta própria. A colonização construiu a dualidade: formalidade-informalidade. Com as sucessivas transformações ocorridas nos últimos

45 anos, radicalizou-se esta dualidade, com o predomínio espetacular do “segundo mundo”, aquele formado pelo povo congolês na luta pela sobrevivência.

O crescimento do informal, sobretudo, em Kinshasa, guarda relação com a forma como são lidos pela população, o Estado, as leis e as instituições. Sente-se, agudamente, a necessidade de se alcançar a independência financeira, econômica e profissional. Este sentimento é uma das conseqüências da própria colonização. Numa ex-colônia, trabalhar para alguém remete à idéia de submissão, à relação de colonizador-colonizado; dominador-dominado, superior-inferior...

O professor Mbaya Mudimba afirma que:

“não podemos nos esquecer de que a economia informal foi historicamente rotulada de economia marginal e considerada uma <face vergonhosa do capitalismo> nos países ocidentais, enquanto que, no Congo, esta economia decorre da ausência de um Estado que cumpra com suas obrigações para com a população. A falta do Estado provedor foi herdada da colonização. O mercado formal opera sem trazer benefícios sociais, provocando o surgimento de estratégias de sobrevivência individuais e coletivas. Estas estratégias, por sua vez, geram desequilíbrio macroeconômico, pela hiper-expansão do setor informal”³:

Desta forma, a economia informal invade todos os setores econômicos. A produção e a exportação de matérias primas, de produtos agrícolas e minérios são realizadas, em muitos casos, por entidades privadas que operam, na clandestinidade. Assim, o Estado congolês foi sendo privatizado às custas da maioria da população, abandonada e deixada por sua própria conta. As relações entre empresas, privadas ou

³ Mbaya Mudimba, Professor nas Faculdades Católicas de Kinshasa – Depoimento pessoal realizado em junho de 2006.

mistas, e o Estado são baseadas em práticas clientelistas e nepotismo. De uma só vez, manifesta-se a insegurança social e econômica para os consumidores, sobretudo as massas populares, e a exploração da qual são vítimas os trabalhadores: salários irrisórios e péssimas condições de trabalho.

Por isso, para o professor Mbaye, o crescimento do mercado informal encontra um campo propício na cidade. Os trabalhadores, abandonados pelo setor formal, sufocados entre a crise econômica e a sua necessidade fundamental de sobrevivência encontram a melhor ajuda no "virar-se" sozinhos para fazer frente às dificuldades cotidianas. É como dizia St-Exupéry: "O homem descobre-se quando confrontado ao obstáculo". Como podemos observar, com tantas crises enfrentadas no Congo, o setor informal aparece como uma resposta popular à realidade imediata. Aparece como uma adaptação à realidade de seu ambiente socioeconômico. A criatividade dos congolese, demonstrada no setor informal, supera os limites da imaginação. O próprio mercado formal no Congo tem incorporado, no cotidiano, práticas tidas como informais pela própria legislação. Esta incorporação data de várias décadas. Já que a "viração" também precisa acontecer no setor formal, em decorrência de sua fragilizada e reduzida presença na economia do Congo, muitos pesquisadores afirmam que, socialmente falando, em termos de emprego, o setor formal, desde a colonização, sempre foi marginal na realidade congolese.

No Congo, segundo o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS -2006), o atual número de trabalhadores com carteira assinada deve atingir, no máximo, um milhão, este número representa menos de 10% da população economicamente ativa. Convém insistir, porém, que na realidade congolese não há um setor econômico que não recorra, de alguma forma, ao circuito informal. Existem interação e imbricação

entre o setor formal e informal. A lista das atividades do setor informal é muito extensa. Assim, iremos categorizá-las em três grandes grupos, no intuito de facilitar a interpretação dos dados, assim como de suas variáveis explicativas. As atividades informais em Kinshasa têm uma dinâmica sócio-cultural própria.

Classificação de atividades

A realização do trabalho de campo sofreu limitações decorrentes da escassez de tempo e de pesquisadores auxiliares, o que levou-nos a concentrar esforços na comuna de Kinshasa, que concentra o segundo maior número de unidades do setor informal. Nesta comuna, encontra-se o maior mercado da cidade de Kinshasa, onde abastece-se a população de toda a cidade. Para a realização deste trabalho, tivemos o auxílio de quatro pessoas (Lubanda, Kabangu, Ntumba e Nkongolo); dois tinham a tarefa de percorrer as ruas onde concentram-se as unidades ligadas à "**saúde**" e dois outros percorriam as ruas onde concentram-se as unidades ligadas à "**venda**", ao mesmo tempo em que percorríamos as ruas onde concentra-se o "**artesanato**". No total, 450 unidades foram visitadas. Entramos em contato com 688 pessoas; 675 trabalhadores deste mercado e 13 dirigentes.

Uma parte das unidades pesquisadas localiza-se no interior do mercado central de Kinshasa e outra parte ao redor do mercado. As primeiras compram o espaço da autoridade delegada pelo Hotel de Ville (governo local). Aí estão concentradas as unidades pesquisadas do grupo "venda". As unidades pesquisadas da categoria "saúde" e de "artesanato" localizam-se, em geral, ao redor do mercado. Todas as unidades pagam diariamente um tributo à autoridade local. Os dados recolhidos no trabalho de campo permitiam reconhecer a seguinte distribuição: 8% de atividades ligadas à saúde; 43 % de atividades ligadas à venda e 49% ao artesanato (ver tabela 1).

Tabela 1. Distribuição de trabalhadores por grupo

Grupos	Saúde	Venda	Artesanato
Incidência	8	43	49

Fonte: trabalho de campo

Como aparece nesta pesquisa, quase a metade da população envolvida em atividades informais tem o "artesanato" como fonte de renda e garantia de sobrevivência. Nesta categoria, encontra-se o conserto e o gerenciamento de tudo o que pode ser imaginado, como bicicletas, geladeiras, fogões, motos, relógios e roupas. Há sapateiros, costureiros, borracheiros, pedreiros, pintores, eletricitas, cabeleireiros, manicuros, jardineiros, mecânicos.

Durante o trabalho de campo, alguns depoimentos afirmaram ter começado suas atividades com menos de U\$ 100 de capital. Em muitos casos, um parente abre um negócio, sendo assessorado por familiares. Com este apoio os U\$ 100 permitem tornar-se jardineiro, sapateiro ou cabeleireiro. Neste sub-setor, a aprendizagem se faz no local de trabalho; o tempo de aprendizagem é muito curto e o investimento financeiro muito baixo. As atividades desenvolvidas neste setor exigem muito esforço físico, o que justifica o predomínio de homens.

As atividades ligadas à venda ocupam também um lugar importante no mercado informal; já que não exigem nenhuma formação acadêmica ou técnica. Porém, algumas atividades demandam um significativo capital inicial e outras exigem um pequeno capital para iniciar as atividades. As atividades exigem menos esforço físico do que no artesanato. O capital inicial, segundo relatos de alguns entrevistados, variou entre U\$ 300 a 2000.

As atividades ligadas à saúde são menos numerosas, por exigirem

formação especializada. Os que atuam neste sub-setor necessitam de uma certa técnica para a realização do trabalho e de materiais e equipamentos que custam caro. Ficaremos devendo aqui o capital médio necessário ao início de atividades neste sub-setor, já que os entrevistados não quiseram revelar nem seus investimentos nem os seus salários. Entre as três categorias de atividades analisadas, esta foi a que apresentou maiores obstáculos à pesquisa.

As atividades do setor informal, na comuna de Kinshasa, empregam mais homens do que mulheres: os homens representavam 51,35% dos entrevistados. As mulheres representam 48,65% dos entrevistados. No nosso universo, 65,2% tinham entre 31 e 50 anos. Os agentes com idade entre 15 e 30 anos representavam 34,98% dos entrevistados. Estes números podem ser explicados pelo fato de que, com a crise socioeconômica que afeta o país, os jovens ficam sob a responsabilidade dos pais por mais tempo do que nas décadas de 1970 e 1980.

Com o aumento do êxodo rural, agravado pelo crescimento vegetativo da população urbana, pela destruição de unidades de produção e queda dos principais produtos de exportação, cresce o desemprego. O trabalho de campo permite dizer, que 61,2% dos agentes econômicos ganham entre U\$ 5 e 10 por dia. A sua renda pode atingir, portanto, cerca de U\$ 300 por mês, o que representa muito para esses agentes, num país onde o salário na administração pública, raramente chega a U\$ 30 por mês e a U\$ 100 para os que têm carteira assinada no setor privado.

Comparando os dois setores de economia urbana de Kinshasa, o informal é o que mais emprega, segundo a opinião dos entrevistados e da própria realidade observada na cidade. Podemos dizer que os agentes deste setor conseguem arcar melhor, ainda que muitas vezes

de forma precária, com as despesas cotidianas do que os agentes do setor formal. Apesar do custo mensal da manutenção de uma família de seis pessoas ser em torno de U\$ 600, segundo o Instituto Nacional de Estatísticas, podemos concluir que os agentes do setor informal, com renda em torno de U\$ 300, são menos pressionados do que os agentes do setor público e do setor privado, a situação dos agentes do setor informal é menos grave do que a dos outros.

O mercado informal, de alguma forma, tem cumprido papéis que deveriam ser do setor formal. Na realidade, o mercado informal tornou-se, um mercado formal, por ser a fonte de renda de milhares de famílias. Move a economia do país, além de ser a maior fonte da arrecadação de tributos pelas instâncias municipais e provinciais. Neste sentido, registramos que as unidades pesquisadas pagam imposto à autoridade local. Enfim, este mercado, por enquanto, ajuda a enfrentar o problema do desemprego, mesmo que seja de forma precária.

Estrutura de mão-de-obra

Os dados fornecidos pelos entrevistados demonstraram que o setor informal cria um grande número de oportunidades de trabalho, garantindo renda para muitas famílias. Com efeito, 51% dos agentes operando na economia informal empregam de 1 a 5 pessoas. 34,9% empregam de 1 a 10 pessoas e 14,1% empregam mais de 10 pessoas (ver Tabela 2).

Tabela 2. Número de trabalhadores por unidade

Nº empregados	1 a 5	1 a 10	Mais de 10
Incidência	51	34,9	14,1

Fonte: trabalho de campo

As atividades de “venda” e “artesanato” envolvem milhares de pessoas, incluindo analfabetos e semi-alfabetizados podem se garantir um emprego nas duas categorias, isso é positivo, porque as pessoas menos instruídas podem ser empregadas ou associadas no processo de produção e circulação de bens e na oferta de serviços. Esta situação contrasta com o que ocorre no setor formal, onde são exigidos formação profissional e o enfrentamento de uma complicada e longa burocracia. Criando-se, portanto, barreiras na entrada.

A mão-de-obra é facilmente encontrada, já que a notícia de oportunidades de trabalho circula com rapidez. Por outro lado, nem sempre é necessário ter uma formação e muitas vezes pode-se trabalhar sem ter documento de identidade e comprovante de residência. É possível, também, que analfabetos tenham mais chance de encontrar trabalho do que aqueles que tiveram acesso à educação formal. Vale a pena lembrar aqui um ditado popular no Congo: “estudar não é sinônimo de garantia de vida ganha”. Além disto, o que explica a entrada em massa, no setor informal, de todas as faixas etárias seria o predomínio, de empresas familiares. Como as famílias congolêsas são muito extensas, empregam-se familiares.

Os operadores informais investiram e foram e continuam sendo muito ousados. Esta ousadia justifica-se pela sua criatividade e competência. No setor de transporte público, por exemplo, predominam os operadores informais, atendendo 90% dos deslocamentos diários.

Conclusões

Diante do que foi exposto ao longo deste trabalho, salientamos a crescente importância do setor informal na geração de oportunidades de trabalho na cidade de Kinshasa. Nesta cidade, o trabalho informal poderá vir a se constituir em importante instrumento para a integração

social. Ao absorver um elevado contingente da mão-de-obra não empregado no mercado formal, o mercado informal contribui para a sobrevivência da maioria da população economicamente ativa relegada ao desemprego.

A crise globalizada que atinge duramente o Congo é resultante de obra humana. A solução, acreditamos, também dela resultará. Nesta direção, é necessário que os principais beneficiários da globalização conscientizem-se dos impactos negativos de suas atividades sobre o mercado de trabalho, o meio ambiente, a educação, a vida familiar e a vida humana, enfim, sobre a existência humana. Uma solução duradoura virá desta conscientização. Para que esta consciência seja possível, multidões precisarão continuar a manifestar seu descontentamento em relação a este sistema, criador de um verdadeiro calvário humano. Como dizia Martin Luther King: "a liberdade é um ideal a ser atingido".

O setor informal precisaria de uma outra denominação que correspondesse a sua nova estrutura e realidade. As atividades desenvolvidas por este setor devem beneficiar-se de investimentos do Estado por causa da sua importância na economia da cidade. Cabe, aqui, destacar também a singularidade do mercado informal congolês que esgota as características e as definições sugeridas pelos diversos autores por nós consultados, sobre este assunto.

Por esta razão, julgamos necessário substituir o termo mercado informal por outro mais adequado à realidade congoleza. Este mercado denominado de economia informal ou oculta, já demonstrou que não é oculto, porque sua realidade, já está ao alcance de todos, provando que veio para ficar na realidade congoleza. Já invadiu todos os setores da vida nacional e que ele não tem nada a ver com a economia marginal ou de uma face vergonhosa do capitalismo da concepção ocidental. Os

dirigentes congolese precisam repensar as funções do circuito inferior na realidade congolese, renunciando aos modelos ocidentais.

O circuito inferior necessita de uma legislação apropriada. Para isto, precisa ser previamente libertado de seus atuais parasitas, vinculados à administração pública. É emergente a recuperação de uma administração pública de caráter predador, que só aparece para cobrar tributos. As atividades do circuito inferior sofrem de carências materiais, financeiras e tecnológicas. O Estado precisa, portanto, criar instrumentos que sustentem científica tecnológica, econômica e financeiramente o setor.

Ao nível acadêmico, julgamos ser indispensável uma adaptação de conteúdos à realidade congolese. As teorias econômicas clássicas e os modelos de desenvolvimento precisam ser revistos de forma aprofundada, para que seja valorizado o dinamismo do circuito inferior da economia urbana. De fato, uma compreensão do funcionamento do chamado setor informal pode abrir caminho para a resolução da conflituosa dualidade hoje preservada entre a economia tradicional e as exigências da economia moderna.

Na realidade, a política social da terceira república deverá enfrentar, sobretudo, o desafio da renovação do homem congolês e, assim, da sociedade congolese. Este duplo dever poderá ser cumprido através da valorização dos recursos humanos: educação, formação profissional e informação do homem congolês. Uma forte campanha de sensibilização e de conscientização dos cidadãos congolese, em defesa da democracia e trabalho poderá ser de grande relevância na construção do caminho para o desenvolvimento social e econômico.

Diz um ditado africano: "O desespero é um fator estático e a esperança é dinâmica".

Referências

1. SANTOS, Milton: *O espaço dividido, os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos*, pp. 29, Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.
2. Iyanda, Guillaume, *Pauvreté urbaine et secteur informel à Kinshasa*, D+C Développement et coopération, p6, septembre/octobre 2002.
3. Tshiyembe , Mwayila, *La transition em Republique Democratique du Congo: Enjeux et Perspectives*, L´harmattan, Paris, 2005.